

CORREIO NO MUNDO

Reprodução/ X @netanyahu



Rubio diz que acordo pacífico não é provável no momento

Cuba aceita ajuda de US\$ 100 milhões dos Estados Unidos

O secretário de Estado americano, Marco Rubio, afirmou nesta quinta (21) que o regime de Cuba aceitou a ajuda de US\$ 100 milhões oferecida pelo governo de Donald Trump à ilha caribenha. O regime liderado por Miguel Díaz-Canel já havia sinalizado durante a última semana que avaliava aceitar a oferta americana. Segundo a imprensa dos EUA, Trump ofereceu o dinheiro com a contrapartida de que este será repassado à Igreja Católica, que será, portanto, a responsável por ele no território cubano. Ainda não estão evidentes outras possíveis contrapartidas que o acordo entre os países engloba. Apesar disso, Rubio afirmou que a probabilidade de um acordo pacífico e negociado entre os países não é alta nesse momento.

Acordo, porém, não está próximo

Segundo ele, os EUA sempre preferem a solução pacífica. Sem detalhar que tipo de acordo se referia, porém, afirmou: "Sendo honesto, a probabilidade de isso acontecer, considerando com quem estamos lidando agora, não é alta. Mas se eles mudarem de ideia, estamos aqui. E, enquanto isso, continuaremos fazendo o que for necessário". Rubio, filho de imigrantes cubanos, havia publicado um vídeo em que oferecia o dinheiro como "novo caminho" ao povo cubano.

Cancillería Ecuador via Wikimedia Commons



Bruno Rodríguez chamou Marco Rubio de mentiroso

Chanceler cubano critica Rubio

Mais tarde nesta quinta, o chanceler cubano, Bruno Rodríguez, afirmou que Rubio está provocando uma agressão militar e falsamente classificando Cuba de Estado patrocinador do terrorismo. "As mentiras do secretário de Estado dos EUA novamente instigam uma agressão militar que provocaria o derramamento de sangue cubano e americano", afirmou.

O chanceler disse ainda que Havana não é um ameaça à segurança dos EUA e acusou Washington de provocar intencionalmente o colapso econômico na ilha.

Ameaça à segurança nacional

O governo Trump fez a oferta após meses de crise generalizada em Cuba, que sofre com falta de combustíveis e, consequentemente, de energia elétrica. Os EUA impuseram um bloqueio de petróleo em janeiro que agravou a situação econômica e humanitária da ilha. Washington afirma que a ilha representa uma ameaça à segurança nacional.

Por Gabriel Barnabé (Folhpress)

China repudia EUA

A China denunciou o "abuso dos meios judiciais", depois que os Estados Unidos indiciaram, na quarta-feira, o ex-líder de Cuba Raúl Castro pela derrubada de dois aviões em 1996. "Os Estados Unidos deveriam parar de brandir o bastão das sanções e o bastão judicial contra Cuba e parar de ameaçar com o uso da força a cada passo".

Raúl Castro

"A China sempre se opôs firmemente às sanções unilaterais ilegais, que carecem de fundamento no direito internacional e se opõe ao abuso dos meios judiciais. Se opõe às pressões exercidas por forças externas contra Cuba, sob qualquer pretexto", declarou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês Guo Jiakun.

Soberania

"A China apoia firmemente Cuba na defesa de sua soberania e dignidade nacionais e se opõe à interferência externa", acrescentou. Raúl Castro, 94, foi indiciado pelo assassinato de quatro pessoas, conspiração para matar cidadãos americanos e destruição de aeronaves em 1996, quando era ministro da Defesa do regime cubano.

Rússia reprova

A Rússia também expressou sua reprovação à ação americana. "Acreditamos que a pressão exercida sobre Cuba não pode ser tolerada. Acreditamos que, sob nenhuma circunstância, tais métodos —métodos de violência— devem ser usados contra ex-chefes de Estado ou chefes de Estado em exercício", disse Dmitri Peskov. "Não aprovamos isso", acrescentou.

Itamaraty

O Itamaraty convocou a chefe da embaixada de Israel no Brasil, Rasha Athamni, para cobrar explicações sobre o vídeo em que ativistas aparecem com as mãos amarradas e as testas apoiadas no chão. Quatro brasileiros fizeram parte da flotilha, que foi interceptada pelas forças de Tel Aviv no mar Mediterrâneo.

Indignação

A publicação, que mostra o tratamento dado a estrangeiros que integravam uma flotilha com destino à Faixa de Gaza, foi feita pelo ministro da Segurança Nacional de Israel, o extremista Itamar Ben-Gvir, e provocou uma avalanche de críticas internacionais.

Por Ricardo Della Coletta (Folhpress)



Lançador de míssil intercontinental Iars participa de exercício

Rússia faz ameaça nuclear e acende alerta

Exercício nuclear foi a maior manobra desde a Guerra Fria

Igor Gielow (Folhpress)

A Rússia voltou a escalar sua retórica atômica nesta quinta-feira (21), dia em que encerra os maiores exercícios nucleares desde o fim da Guerra Fria. Tal manobra "sempre é um sinal", disse o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov. Os Estados Unidos, por sua vez, fizeram um teste de rotina de seu principal míssil nuclear, o Minuteman-3, na véspera. O ensaio estava programado havia meses, mas em ocasiões anteriores os EUA já cancelaram lançamentos para evitar escalar tensões.

Elas estão altas na Europa. A admissão de Peskov, enquanto óbvia, é inusual. A praxe quando forças estratégicas são mobilizadas é dizer que as manobras são rotineiras e direcionadas apenas a cenários de autodefesa. Assistindo às manobras por vídeo, o presidente Vladimir Putin ainda contemporizou, dizendo que as armas são "um último recurso". Mas o recado estava dado.

A fala ocorre em meio ao crescente atrito entre os russos e os Estados Bálticos, membros do flanco leste da Otan que são os mais frágeis e expostos elos da aliança militar ocidental. Nesta semana, houve uma intensa troca de acusações entre Moscou e as capitais vizinhas, além de um renovado alarme com incursões de drones. Pela segunda vez e após incidentes similares na Letônia e na Lituânia, a Estônia decretou nesta quinta um alerta de invasão de seu espaço aéreo.

Novamente, caças da Otan que

ajudam a patrulhar os céus dos países do Báltico, que não têm Força Aérea própria, foram acionados. Desta vez, contudo, não houve abate ou identificação da origem do avião-robô.

Eles provavelmente eram drones lançados pela Ucrânia, como ocorreu anteriormente. A novidade é que os países bálticos acusam agora a Rússia de desviar intencionalmente os aparelhos com medidas eletrônicas, visando causar confusão na vizinhança.

De seu lado, o Kremlin também escalou a retórica. Nesta quinta, reafirmou que a Estônia e outros vizinhos estão permitindo que a Ucrânia use seu território e espaço aéreo para lançar ataques contra a infraestrutura energética e cidades russas.

O secretário-geral da Otan, o holandês Mark Rutte, classificou a afirmação de ridícula. Já a chancelaria russa afirmou em nota que o fato de ser integrante da aliança não protegerá os bálticos de retaliação.

Segundo uma pessoa próxima ao governo ouvida pela reportagem em Moscou, o tom de ameaça por ora é só isso, mas ecoa um temor corrente na elite do país de que Putin possa tentar algum tipo de ação contra os Estados Bálticos, particularmente a mais exposta Estônia, enquanto Donald Trump ainda estiver no poder. O descompromisso crescente do republicano com os aliados da Otan poderia favorecer um teste de estresse com a aliança. Contra ele há o risco da Terceira Guerra Mundial, nuclear por definição.